



## Acervo de escritores mineiros: a potência dos arquivos literários

### *Acervo de escritores mineiros: the Power of Literary Archives*

Reinaldo Martiniano Marques

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

reinaldomarques28@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6756-093X>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar o Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da UFMG em conjunto com uma reflexão sobre a potência dos arquivos literários para o desenvolvimento de pesquisas no campo dos estudos literários e culturais. Nesse sentido, será considerada a concepção espacial do AEM, que confere um tratamento cenográfico e museográfico aos arquivos dos escritores e escritoras, capaz de levar em conta a heterogeneidade dos materiais que o constituem. Esse tratamento permite considerar e articular as dimensões do visível e do dizível nos arquivos literários, a partir das categorias do virtual e do atual e dos processos de digitalização da memória. Com isso, pretende-se ainda evidenciar tanto as relações de força que atravessam os arquivos literários, sinalizando para um fora do arquivo, como levantar algumas possibilidades e desafios que os arquivos eletrônicos e digitais colocam para o trabalho com a memória literária e cultural na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** arquivos literários; acervo de Escritores mineiros; potência.

**Abstract:** This article was presented at the 2020 IV Edition of DIVERMINAS and aims to make a presentation of the Acervo de Escritores Mineiros (AEM) of the Federal University of Minas Gerais alongside a reflection on the power of literary archives for the development of research in the field of literary and cultural studies. In this sense, the spatial conception of the AEM will be considered. This conception gives a scenographic and museographic treatment to writers' archives and is capable of taking into account the heterogeneity of the materials that constitute them. This approach allows for a consideration and articulation of the visible and the sayable in literary

archives, considering the categories of the virtual and the real, from the processes of digitization of memory. With this, it is also intended to highlight both the relations of forces that cross literary archives, which signal to an other (or outsider), and to raise some possibilities and challenges that electronic and digital archives pose when working with literary and cultural memory in contemporaneity is involved.

**Keywords:** literary archives; acervo de escritores mineiros; power.

Neste artigo, pretendo fazer uma apresentação do Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da UFMG, em conjunto com uma reflexão sobre a potência dos arquivos literários para o desenvolvimento de pesquisas no campo dos estudos literários e culturais. Nesse sentido, será considerada a concepção espacial do AEM, que confere um tratamento cenográfico e museográfico aos arquivos dos escritores e escritoras, capaz de levar em conta a heterogeneidade dos materiais que o constituem. Esse tratamento permite considerar e articular as dimensões do visível e do dizível nos arquivos literários, a partir das categorias do virtual e do atual e dos processos de digitalização da memória. Com isso, pretende-se ainda evidenciar tanto as relações de força que atravessam os arquivos literários, sinalizando para um fora do arquivo, como levantar algumas possibilidades e desafios que os arquivos eletrônicos e digitais colocam para o trabalho com a memória literária e cultural na contemporaneidade.

Antes, porém, gostaria de lembrar a distinção conceitual que faço entre o arquivo pessoal do escritor, alocado no espaço privado, doméstico, e o arquivo literário, situado no espaço público, domiciliado em uma instituição pública, ou mesmo privada — biblioteca, arquivo, fundação, universidade. Trata-se de processo complexo de desterritorialização e reterritorialização, em que o arquivo pessoal do escritor é apropriado e submetido a saberes especializados – arquivologia, biblioteconomia, museologia, além de saberes próprios do campo dos estudos literários e da pesquisa histórica –, constituindo-se uma figura epistemológica em termos foucaultianos, como efeito de campos discursivos que dele se apropriam e falam. Localizado num espaço liminar entre o público e o privado, submetido a diversas e conflitantes relações de força, o arquivo literário já não é mais um arquivo privado, nem é de todo um

arquivo público<sup>1</sup> (XXXXXXXX, 2015). Nessa passagem, novos arcontes passam a custodiá-lo e a falar em seu nome – arquivistas, bibliotecários, museólogos, pesquisadores – e a ele se agregam novos valores: histórico-cultural, estético, acadêmico, expositivo, econômico.

Pode ser que esse esforço de elaboração do conceito de “arquivo literário” resulte mais propriamente numa ficção teórica, para ficar num registro borgiano. De uma parte, tem um pé no mundo empírico do trabalho com os arquivos pessoais dos escritores; de outra, recorre a uma imaginação construtiva, que abstrai as variadas diferenças entre cada um desses arquivos para realçar algumas semelhanças entre eles. Considere-se aqui, por exemplo, o caráter heterogêneo de seus fundos documentais, que fazem do arquivo literário uma mescla de biblioteca, arquivo e museu, ou a natureza de muitos de seus documentos como rastros da atividade escritural de um autor de literatura. No caso dos escritores mineiros, a par de sua biblioteca fornida com livros e periódicos, compõem seus arquivos documentos tanto pessoais como ligados à sua atividade profissional, a exemplo de manuscritos e datiloscritos de seus textos, correspondências, fotografias, recortes de jornais, coleções de obras de artes plásticas, de artesanato, além de objetos pessoais, do mobiliário do seu escritório, das máquinas de escrever. Essa heterogeneidade constitui, por um lado, a potência do arquivo do escritor, abrindo-o ao diálogo com outras linguagens e artes, com a cultura; por outro, impõe um desafio ao esforço de enquadrá-lo conceitualmente, visto que torna qualquer tentativa de fazê-lo insuficiente, precária, incapaz de dar conta tanto de sua diversidade documental como da singularidade histórica e social de seu contexto de formação.

Uma estratégia produtiva, a meu ver, consiste em abrir mão de teorias universalistas, de longo alcance, que procurem descrever e explicar um conjunto extenso no tempo e no espaço de arquivos de um escritor. É preferível trabalhar com teorias de menor alcance – microteorias –, que abram mão da pretensão universalizante e totalizante, mas que consigam descrever bem um determinado conjunto de arquivos de escritores. A par disso, embora o adjetivo “literário” se mostre um tanto redutor em relação àquela diversidade dos materiais do arquivo do escritor, com a noção de arquivo literário estou realçando a figura do titular do arquivo,

---

<sup>1</sup> No ensaio “Arquivos literários e reinvenção da literatura comparada”, contido neste mesmo livro, elaborei de forma mais detalhada essa distinção.

amplamente reconhecido como autor de literatura, fato atestado por sua obra. Certamente que ela se mostrará muito limitada para dar conta dos arquivos de escritores e artistas contemporâneos que às vezes se figuram como “multiartistas”, caso de um Nuno Ramos. Mais ainda, com ela estou salientando sua modelagem a partir do ponto de vista dos pesquisadores de arquivos de escritores, como espaços e textualidades a serem vivenciados, lidos e interpretados por eles. Enquanto produto de uma atividade especulativa, pode ser que a noção de arquivo literário se remeta a um objeto mais imaginado, nem sempre localizável como tal no mundo empírico. Nesse sentido, na esteira de Deleuze e Guattari (1992, p. 25-47), talvez seja mais apropriado ver tal conceito como uma “totalidade fragmentária”, uma heterogênese que organiza seus componentes por zonas de vizinhança, sem que eles se encaixem. Enuncia antes um acontecimento, um devir com suas virtualidades – o arquivo literário, como no presente caso – e não uma essência ou coisa. Não sem razão, em sua *A arqueologia do saber*, Michel Foucault nos lembra da impossibilidade de totalizar o arquivo, que só pode ser abordado em níveis, regiões, vale dizer, em seus fragmentos.

## 1 O Acervo de Escritores Mineiros

Em termos genealógicos, sabemos que os começos são múltiplos, inumeráveis. Contudo, em termos históricos, a emergência do Acervo de Escritores Mineiros ocorreu em agosto de 1989, quando a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) promoveu a Semana Henriqueta Lisboa, evento que celebrou a entrada na Universidade dos fundos documentais da poeta mineira e a criação do Centro de Estudos Literários, órgão responsável pela guarda e preservação do acervo recebido, por seu tratamento e disponibilização para a pesquisa. Domiciliado no prédio da Biblioteca Universitária, campus Pampulha, em Belo Horizonte, o arquivo pessoal de Henriqueta Lisboa (1901-1985) deslocou-se do espaço privado para o espaço público, abrindo-se à pesquisa e ao movimento da suplementação de sentidos. Trata-se de desdobramento de uma operação de arquivamento, por meio da qual emerge uma figura lastreada pela topografia acadêmica: o Acervo de Escritores Mineiros. Constituído como um lugar privilegiado de nossa memória literária e cultural, a ser vivido tanto imaginária como sensorialmente; a ser construído pelo trabalho contínuo de gerações de

pesquisadores e por inúmeras outras operações de arquivamento; e a ser habitado quer por corpos físicos, objetos, quer por desejos e sonhos.

Em 1991 os acervos de mais dois importantes escritores passaram a integrar a coleção do AEM: o de Murilo Rubião (1916-1991) e o de Oswaldo França Júnior (1936-1989). No início dos anos 2000, chegaram os arquivos de Abgar Renault (1901-1995) e de Cyro dos Anjos (1906-1994). A esses arquivos precursores vieram se somar algumas coleções especiais, constituídas por cartas de escritores, livros, revistas e fotografias, como as de Alexandre Eulálio (1932-1988), Aníbal Machado (1894-1964), Ana Hatherly (1929), Valmiki Vilela Guimarães (1934-2015), José Oswaldo Araújo (1887-1975) e Genevieve Naylor (1915-1989). Esse expressivo crescimento do acervo impactou drasticamente a topografia do AEM e mobilizou tanto a diretoria da Faculdade de Letras como a administração central da universidade para apresentarem um projeto para as agências governamentais, a fim de captar recursos para a construção de um espaço mais adequado para abrigar os arquivos literários sob a guarda da UFMG. Assim, com recursos obtidos pelo Fundo Finep, foi construído o atual espaço do AEM, localizado numa área de quase mil metros quadrados do terceiro andar da Biblioteca Universitária da UFMG, parcialmente utilizada. Inaugurado em dezembro de 2003, sua concretização vinculava-se, à época, a uma preocupação mais geral da universidade com a organização, preservação e conservação dos seus acervos culturais, artísticos e documentais.

Em termos arquitetônicos, o espaço foi concebido numa perspectiva cenográfica e museológica, comportando três planos. No primeiro, são simulados os ambientes de trabalho dos escritores, com estantes de livros, mesa, máquina de escrever, objetos pessoais. Devidamente reconstituídos a partir de pesquisa feita com os familiares, nesses ambientes encontram-se também documentos raros expostos em vitrines, a exemplo de primeiras edições autografadas, cartas de escritores, fotografias. A individualidade de cada recinto, procurando destacar a personalidade do escritor, é realçada por meio de iluminação com um jogo de cores, perfis e textos ilustrativos. O uso de vidro, à maneira de um aquário, permite que os visitantes possam ver e apreciar os ambientes, mesmo sem entrar neles. No segundo, encontram-se as galerias com exposições de pinturas, desenhos, fotos e pôsteres. Por fim, no terceiro plano, com acesso restrito, estão abrigados os acervos bibliográficos e os arquivos documentais de cada escritor. O espaço

contém ainda reserva técnica, sala de reunião e área de trabalho para pesquisadores e estagiários.

Dentro dessa concepção, foi contemplada a natureza heterogênea dos materiais que compõem os acervos literários, uma mistura de elementos próprios de bibliotecas, arquivos e museus, como já mencionado. Com isso, o espaço do Acervo de Escritores Mineiros configura-se como um espaço móvel e permanente de exposição, conseguindo focar, no plano geral, nas singularidades de cada material. Abre aos visitantes e pesquisadores a possibilidade de cada um, com seus recortes e enquadramentos, constituir a sua própria trilha, o seu próprio texto, ao percorrer os diversos níveis espaciais. Dotado de múltiplas perspectivas e entradas, desvela o texto da memória literária e cultural em sua complexidade de sentidos, visível na seleção, na combinação, na justaposição ou na sobreposição de objetos heteróclitos. Dessa maneira, ao conferir ao texto da memória cultural e literária do país tal tratamento, a universidade procurou dar continuidade a um projeto dos próprios escritores mineiros, que sempre cultivaram os gêneros memorialísticos e cuidaram de montar seus arquivos pessoais ao longo da vida.

Todavia, há fato revelador de que o trabalho com arquivos literários é um verdadeiro *working in progress*: novos arquivos de escritores foram recebidos entre 2008 e 2010: os de Octavio Dias Leite (1914-1970), Wander Piroli (1931-2006), José Maria Cançado (1952-2006), Fernando Sabino (1923-2004) e Lúcia Machado de Almeida (1910-2005). Nessa leva, também chegou parte do arquivo do escritor e jornalista Carlos Herculano Lopes (1956), que está doando seu arquivo ainda em vida; como o dele, a partir de 2012, estamos recebendo materiais do arquivo de Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo, 1944), escritor, jornalista e frade dominicano. Foram doadas ainda algumas coleções especiais, como as dos poetas Achiles Vivacqua (1900-1942) e Adão Ventura (1946-2004). Com recursos obtidos novamente por meio do Finep, foi feita uma obra de ampliação do espaço do AEM, usando toda a área disponível. Em outubro de 2011, o espaço ampliado foi reinaugurado.

Atualmente, com a chegada de mais quatro acervos de reconhecidos escritores mineiros, estamos às voltas com a saturação do espaço do AEM, o que está alterando sua configuração inicial. Em 2015, foram doados os arquivos de Affonso Ávila (1928-2012) e Laís Corrêa de Araújo (1928-2006), ambos poetas e críticos, cujos fundos documentais foram guardados em sala especial da Biblioteca Universitária, em função

do grande volume de livros e documentos. Por fim, em 2017 recebemos os arquivos do crítico teatral Sábato Magaldi (1927-2016) e do escritor Autran Dourado (1926-2012). Alocados no espaço do AEM, estes últimos acervos transtornaram a topografia do AEM, exigindo novas providências quanto à domiciliação dos acervos dos escritores abrigados na UFMG. Estão sendo pensadas algumas alternativas, seja para otimizar o atual espaço, reconfigurando-o, seja para ocupar uma área anexa a ele na mesma Biblioteca Universitária, seja ainda para pensar a construção de prédio próprio junto à Faculdade de Letras.

## **2 O arquivo literário e suas virtualidades**

Quando se tem presente a diversidade de documentos e materiais que formam o arquivo de um escritor ou escritora, é possível afirmar que, em certa medida, escrever é arquivar, que tornar-se escritor implica constituir um arquivo. A fim de facilitar a nossa compreensão do arquivo literário, podemos vê-lo como constituído de coisas, de elementos não discursivos, e de palavras, ou discursos, enquanto uma formação histórica. Há nele camadas sedimentares que configuram, em termos foucaultianos, zonas de visibilidade e campos de legibilidade, uma repartição do visível e do enunciável. Enquanto tal, pode-se indagar: o que nos dá a ver o arquivo literário? O que ele nos permite dizer, enunciar a respeito da literatura? Digamos que, enquanto conteúdo, ele consiste numa forma: a residência ou lugar em que se guardam os documentos de escritores em instituições públicas ou privadas. É uma forma composta por relações de força, sempre plurais, dando a ver a literatura em sua materialidade, seus agentes e fruidores. Como expressão, porém, ele mobiliza campos de saberes – especialmente o dos estudos literários – que buscam apreender os atributos da literatura, seus modos de produção e circulação, seu funcionamento. No caso dos estudos literários, trata-se de um campo segmentado e estratificado de disciplinas, constituído por matérias formadas, por funções formalizadas e distribuídas em ver e falar, em luz e linguagem. Assim, no arquivo literário, o dizível – os enunciados agenciados pelos heterogêneos documentos nele depositados e os saberes que o atravessam – constitui uma dobra reflexiva sobre o visível: a biblioteca, as coleções de objetos e obras de arte, os documentos do arquivo.

Desse modo, seguindo uma trilha aberta por Foucault e Deleuze<sup>2</sup>, pode-se dizer que o saber sobre o literário implica entrecruzamentos do visível e do enunciável, do ver e do falar, compondo camadas diversas, camadas atravessadas por relações de forças, que são relações de poder. Tais forças compõem o lado de fora do arquivo literário e se definem pelo poder de afetar e de serem afetadas. Dizem respeito a forças no homem – o imaginar, o inventar, o recordar, o querer – e também às forças da vida, do trabalho, da linguagem. Assim, o arquivo literário é uma forma conectada a diferentes e contraditórias forças que nele se chocam, constituindo pontos de intensidade, de afecções. Pensemos nas forças criativas e da imaginação, condensadas nos documentos do processo de escrita das obras; nas forças da memória, das tradições literárias e culturais singularizadas na biblioteca do escritor, em colisão com as forças do esquecimento; nas forças próprias da esfera privada, como expressão dos interesses particulares da família e representantes do escritor/a, das editoras, configuradas em normas jurídicas, enunciadas em contratos, documentos de compra ou de doação do arquivo a instituições de guarda. Forças essas em conflito com os interesses do espaço público, das instituições de guarda, do Estado, das demandas da sociedade. Consideremos ainda as forças retóricas que circulam no arquivo literário e que têm nos discursos seu objeto central de atuação e expressão; as forças articuladoras do poder arcôntico, dotado de um privilégio interpretativo vinculado aos comandos e regulamentações do arquivo, a seus arranjos; e as forças performáticas, visíveis, por exemplo, na maneira de se tratar museologicamente os documentos do arquivo literário<sup>3</sup>.

Os arquivos literários são constituídos pelos arquivos pessoais dos escritores(as), contendo conjuntos documentais relacionados a suas atividades profissionais e a seus interesses, acumulados pelo escritor(a) ao longo da vida. Tal acumulação resulta de um trabalho de seleção de documentos que devem ser guardados entre os variados papéis que o titular do arquivo manuseia cotidianamente. Trabalho indiciador de um poder e uma violência presentes na constituição mesma de um arquivo, à medida que muito papel é descartado. Particularmente no caso de

---

<sup>2</sup> Valho-me aqui particularmente do *Foucault*, de Deleuze.

<sup>3</sup> A propósito dessas forças que coexistem no arquivo, ver meu ensaio MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.



arquivos privados de pessoa pública, como os de um escritor, essa seleção é feita muitas vezes por familiares e amigos, sobretudo quando da morte do titular.

Em termos mais pragmáticos, a presença de arquivos de escritores em centros de documentação literária, particularmente nas nossas universidades, tem como objetivo incrementar pesquisas no campo dos estudos literários que resultem em artigos críticos, dissertações e teses acadêmicas. Não por acaso, entre nós, a criação desses centros de pesquisa literária ocorre na segunda metade do século passado e coincide com a implantação dos Programas de Pós-Graduação em Letras a partir dos anos 1970. Daí a importância de que se tornem espaços vivos e dinâmicos, a fim de que cumpram seu papel em termos da produção de conhecimento na área, especialmente por serem mantidos com recursos públicos. Ao mobilizarem o campo do dizível e do legível por meio de novos atos enunciativos e agenciamentos discursivos, como dobra sobre o visível, as pesquisas configuram, pois, a potência desses arquivos literários, constituem suas virtualidades.

Todavia, aqui é preciso estar atento à captura do arquivo por regimes discursivos da verdade, que nos prometem um acesso às origens, à totalização do conhecimento, reduzindo o arquivo às técnicas da evidência histórica pelo recurso ao documental, descuidando-se de uma crítica do documento como montagem e de seus usos e abusos pelo poder. No caso do arquivo literário, por exemplo, ronda-nos o fetiche de um acesso pleno à intencionalidade autoral, surpreendida em seu frescor originário em algum documento. Ao reler as categorias de potência e ato em Aristóteles, Giorgio Agamben (2015, p. 246) salienta o entendimento aristotélico da potência como privação ao afirmar: “Existe uma forma, uma presença do que não é em ato, e essa presença privativa é a potência.” Destaca ainda a distinção entre uma potência genérica e uma potência própria a quem já detém um certo saber ou habilidade, a exemplo de um arquiteto, que evidencia sua potência enquanto pode não construir. Nesse sentido, Agamben postula que a passagem da potência ao ato não esgota ou anula a potência, mas que esta se conserva no ato. E isso tem implicações não só no campo político, na forma como o poder constituinte se conserva no poder constituído, mas também no estético, nos convidando a repensar o estatuto da obra de arte e do ato criativo.

Ao trazer essas considerações de Agamben, faça-o com o intuito de chamar a atenção para o fato de que as pesquisas produzidas nos

arquivos literários com todos os enunciados que ativam não são capazes de esgotar sua potência, não anulam suas virtualidades, especialmente se levarmos em conta a dimensão imaginária do arquivo, isto é, que em tudo aquilo do já dito, do já enunciado que o arquivo retém e guarda como dispositivo da memória, se inscreve o ainda não dito, o que está na iminência de se dizer, ou mesmo um interdito ou o indizível, assinalando uma região de impossibilidade de saber, de não saber, existente também no coração do arquivo. Algo que tensiona e até mesmo se contrapõe aos regimes discursivos da verdade, à pretensão de cientificidade e de totalização que move as ciências.

O desenvolvimento de pesquisas nos centros de documentação literária, especialmente com fontes primárias, depende de um trabalho contínuo e meticuloso de tratamento, organização e classificação dos seus fundos documentais, segundo princípios biblioteconômicos, arquivísticos e museológicos, de modo a facilitar o acesso aos documentos por parte dos pesquisadores. Trata-se de um trabalho a ser feito por profissionais especializados – bibliotecários, arquivistas, museólogos – e que visa impor ordem ao arquivo literário. Uma ordem arcôntica que situa cada documento num lugar próprio, um lugar físico e um lugar metodológico, no arranjo arquivístico, de modo a impedir que, fora de seu lugar, o documento se transforme em sujeira, ruído informacional. Ordenados no arquivo, os documentos são postos em relação, providos de contextos discursivos, inseridos numa arquitetura de textos capaz de os conectar com um princípio rastreador, apto a assegurar sentidos autorizados, legitimados, estabilizando-os a serviço da evidência histórica.

Todo esse labor, imprescindível, contribui para dar a ver, tornar visível aquilo que está dado no arquivo: seus documentos, objetos e coisas alocados e exteriorizados num espaço, numa residência, e que constituem a materialidade do arquivo. Assim é que está a serviço da luz e do olhar, por exemplo, o tratamento museológico conferido a livros, obras de arte e objetos pertencentes ao escritor, a documentos de gênese dos textos, expostos em vitrines e realçados por um jogo de iluminação. Ora, pode-se dizer que tudo isso que está dado e visível, toda a massa documental, compõe o atual do arquivo literário. Por outro lado, esse atual contém em si, em estado de iminência, o virtual, ou seja: a formulação de gama variada de enunciados sobre o que está dado, por meio não apenas da atividade investigativa como também da fruição, incrementando o saber sobre a literatura, esse objeto que captura e mobiliza nosso olhar.

Vale a pena desdobrar aqui, ainda que sucintamente, a ideia de potência, articulando-a às noções de possível, de virtual e de atual. A propósito, nos diz Deleuze (1996, p. 49): “Toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais.” Tendo em vista que nem tudo é dado ou passível de ser dado, o virtual é formulado como a “insistência do que não é dado”. Proveniente do mundo, ele pertence ao plano da imanência e não se confunde com a transcendência, tampouco deve ser visto como estado primitivo do real, do qual procederia o dado. Múltiplo e complexo, o real é constituído de uma parte virtual e de uma parte atual e somente existe em vias de atualização, de maneira que o processo de virtualização é inseparável de um movimento de cristalização, capaz de restituir ao dado sua contraparte irreduzível de virtualidade (ZOURABICHVILI, 2004, p. 117-119). Ora, relacionado ao múltiplo e ao imanente, o virtual está aberto a uma multiplicidade de devires, de atualizações, diversamente do possível, que se dobra a certas necessidades internas e mais teleológicas do processo de vir a ser.

Como não associar essa potente “névoa de imagens virtuais” à dimensão imaginária do arquivo literário a que aludi há pouco, a ser vista não como negação da realidade, mas como parte do real, sua potência crítica e criativa? Particularmente, se compreende que esse movimento paradoxal de atualização e virtualização instaura uma temporalidade múltipla no arquivo literário, com superposições e condensações de passado, presente e futuro. O passado de uma escrita autoral irrompe no presente do arquivo pela recuperação de seus rastros em documentos de processo, ao mesmo tempo em que se projeta no futuro da escrita de trabalhos acadêmicos. Essa temporalidade múltipla, por sua vez, é indissociável de espaços também heterogêneos. Importa aqui nos desfazermos de uma ideia do espaço do arquivo como mera superfície a ser atravessada, como lugar estável, fechado e coerente, capaz de atualizar uma narrativa única ou totalizante, convertendo o espaço em tempo. Conforme nos mostra Doreen Massey, o espaço é constituído sempre por inter-relações e interações, conectando a imensidão global ao mais local. Ainda, não há espaço sem multiplicidades, haja vista que são coconstitutivos, nele coexistem distintas trajetórias. Por fim, por ser aberto, o espaço é constitutivamente inacabado, está sempre em construção; para a autora, o espaço é uma “simultaneidade de estórias-até- agora” (MASSEY, 2015, p. 27-32). Nessa direção, enquanto tramado por

uma lógica arcôntica e por forças territorializantes, como as que presidem o saber e o tratamento arquivístico, o espaço do arquivo literário pode ser visto como um espaço estriado, medido e homogêneo, que tem em vista alocar documentos e saberes em lugares fixos e hierarquizados. Todavia, à proporção que é atravessado também por forças desterritorializantes e anarcônticas, ao estriado se sobrepõe um espaço liso e indefinido, sem lugares fixos, aberto à circulação de saberes nômades (XXXXXXXX, 2019). Isso implica a existência no arquivo de uma ambiguidade visível no trânsito entre ordem e desordem, entre uma dimensão do atual, do factual, e uma dimensão do espectral, do virtual. Tensão que se torna mais patente se nos livramos de uma concepção moderna e positivista do arquivo, a serviço da mera evidência histórica, de produção de verdades inquestionáveis e essencialismos identitários, particularmente se, desconfiados dessas verdades, formos capazes de nos atentar para os restos e as ruínas dos arquivos literários<sup>4</sup>.

A possibilidade de enunciar sobre e a partir dos arquivos literários, atualizando pesquisas, discursos e saberes sobre a literatura, demanda a presença e o trânsito dos leitores de literatura. Não apenas de leitores profissionais – estudantes, professores e pesquisadores – mas também dos leitores amadores, interessados ambos nos rumos da arte da palavra no mundo contemporâneo. Isso implica o uso reiterado, mas crítico, dos documentos do arquivo do escritor como material de pesquisa acadêmica ou escolar. No entanto, com as novas tecnologias eletrônicas e da informática, com o desenvolvimento da memória digital, a presença dos pesquisadores no espaço do arquivo, entregues aos usos de sua documentação, caminha para se tornar virtual, não presencial, em larga medida. Para isso está contribuindo o processo em marcha de digitalização dos documentos dos arquivos, que são invadidos por uma onda geral de virtualização. De acordo com Pierre Lévy, se a atualização consiste na criação de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades, a virtualização diz respeito a uma dinâmica, à passagem do atual ao virtual, enquanto movimento inverso ao da atualização. Trata-se antes de uma mudança de identidade, vinculada a um processo de heterogênese, e não de uma desrealização. Movimento desterritorializante, implica desligar-se do espaço geográfico e do tempo

---

<sup>4</sup> Conferir, a propósito, o verbete “Arquivo” no volume *Indicionário do contemporâneo* (2018).

cronológico, desconectar-se do aqui e agora, como êxodo da presença, e tem na memória, na imaginação e no conhecimento importantes vetores (LÉVY, 1996, p. 11-25). Como um de seus efeitos, a virtualização enfraquece a dicotomia dentro/fora, rasurando fronteiras e promovendo passagens do interior ao exterior, e vice-versa, afetando as relações entre o privado e o público, o subjetivo e o objetivo, o próprio e o comum, o mapa e o território.

Estamos ainda diante do enorme desafio da digitalização da massa documental contida nos nossos arquivos literários, de modo a propiciar sua transferência para outras mídias e bases de dados, como forma de compartilhar documentos. Com o advento das tecnologias da memória digital, as questões de transferência de dados e informações se sobrepõem às de estocagem, segundo Wolfgang Ernst (2013). Em sua análise arqueológica das mídias digitais, ele indica que o futuro de nossa memória cultural haverá de se concentrar na transferência, mais do que na estocagem, por meio de fluxos processuais permanentes de dados, instaurando uma diferente economia do arquivo como “agência dinâmica on-line”. Nessa concentração na transferência, vislumbra-se a transformação de nossa forma de imaginar e experimentar o arquivo, visível na construção de edificações para museus e bibliotecas, por exemplo. Embora a tecnologia digital favoreça a comodificação da memória, para Ernst, preservadas em arquivos on-line, as memórias digitais não mais estarão separadas do presente, podendo ser apropriadas de diferentes maneiras. Num horizonte talvez próximo, todavia, nossa noção de arquivo tenderá a se dissolver em circuitos eletrônicos e fluxos de dados, em decorrência de processos sociotécnicos que dizem respeito à heterogênesse do arquivo, perspectiva que impõe certamente enormes desafios ao trabalho com arquivos literários.

Em se tratando do cuidado com a memória literária, cultural e histórica, não é desejável, contudo, adotarmos uma perspectiva monológica, restrita a um único recurso ou solução técnica. Se a memória digital facilita exponencialmente o acesso à documentação em escala global, os desafios da preservação continuarão ainda colocando em pauta as questões da exteriorização da memória, de armazenamento e conservação, com as implicações de tratamento documental e espaço para domiciliação. Por isso, o cuidado com nossa memória literária e cultural deve se valer de múltiplos recursos, quer os propiciados pelas novas tecnologias, como os arquivos eletrônicos e digitais, quer o antigo microfilme e o bom e velho papel.

Já é hora concluir esta breve exposição sobre a potência do arquivo literário. Nesse sentido, gostaria de terminar apontando para um fora do arquivo literário, articulando-o, ainda que de modo muito precário, às noções de virtual, imaginário e exterioridade<sup>5</sup>.

Como vimos, a atualização do arquivo literário vincula-se ao movimento mesmo de sua virtualização, desvelando a sua existência enquanto imagens. Imagens heterogêneas e não raro híbridas: verbais, grafemáticas, icônicas, sonoras, visuais, plásticas. Como tal, o virtual permite ir além da massa do já dito e já visto, indicando a iminência de um ainda por dizer e por ver, em devir. Essa dimensão virtual configura uma existência imaginária dos arquivos de escritores, marcada pela coexistência de tempos e espaços heterogêneos, que irrompe para o fora do arquivo, da linguagem, abrindo-se a um pensamento do exterior, exterioridade que inscreve no arquivo relações de força, de poder, que o afetam de diversos modos – as forças da imaginação, da invenção, da recordação que movimentam o sujeito humano; as forças da vida, do trabalho e da linguagem. Nos fundos documentais dos arquivos literários é possível apreender a ação dessas forças, infletindo o devir do arquivo em múltiplas e contraditórias direções. Como no caso das forças que transformaram a linguagem escrita, e com ela a literatura, na principal tecnologia simbólica do mundo moderno, em detrimento da comunicação oral, das tradições orais, mas que deixam na escrita seus rastros, suas marcas. Um tal fora contém a potência do arquivo literário como instância de um pensar em diferença, em que as obras dos escritores se desobriam, afirmando a linguagem, o imaginário, em contraponto a uma apropriação dos arquivos dos escritores por um discurso da representação, lógico e racional, a serviço da mera produção de conhecimento, da verdade.

Uma experiência do fora torna-se possível se damos atenção especialmente aos restos dos arquivos literários. Com efeito, neles nos deparamos com coleções de objetos diversos, somos desconcertados por diferentes tipos de resíduos culturais, como se pode constatar numa visita pela área museológica do Acervo de Escritores Mineiros. Saltam à vista coleções de peças de artesanato – do Caribe, da Índia, do Vale do Jequitinhonha –, algumas quebradas; de miniaturas de instrumentos

---

<sup>5</sup> Estou retomando aqui, não sem praticar certa violência interpretativa, a aproximação feita por Tatiana Salem Levy do conceito de fora com as noções de virtual, imaginário e exterior, a partir de Blanchot, Deleuze e Foucault (LEVY, 2003).

musicais, de chaveiros e cachimbos; de objetos pessoais variados, como canetas, mata-borrão, máquinas de escrever. Capturam nossa atenção ainda o piano de Lúcia Machado de Almeida e a bateria de Fernando Sabino, além de diplomas, medalhas de honra e de mérito. A par disso, somos surpreendidos por inúmeros recortes de jornais, cadernetas, diários; por fragmentos de textos, imagens desconjuntadas, pedaços de papéis com anotações, guardados em pastas ou amontoadas caixas. Enfim, trata-se de uma gama de elementos que persistem como restos, como resíduos culturais, instaurando uma descontinuidade na lógica e nos procedimentos do arquivo. Rebeldes à classificação, esses restos denunciam os limites da razão ordenadora e o caráter arbitrário de toda ordem, arruinando o furor taxionômico<sup>6</sup>, indicam a presença nos arquivos literários do outro, da alteridade, que institui nele uma dimensão ética e política.

Como se vê, estou por ora apenas insinuando uma possibilidade. Desdobrar essa noção de um fora do arquivo, explorar seus confins teóricos, se tornará mais efetivo se formos capazes de pensá-la juntos, em comum, *simpoeticamente*. Por isso, finalizo esta minha intervenção convidando todas e todos a habitarmos o arquivo literário, tanto com nossos corpos, presencialmente, como com nossa imaginação, virtualmente. E que o façamos como pesquisadores anarquistas, capazes de rir da solenidade das origens e de pensar os arquivos literários segundo outras ordens ou desordens possíveis, contando outras histórias que não aquelas que nos demandam regimes discursivos da verdade.

## Referências

AGAMBEN, G. A potência do pensamento. In: \_\_\_\_\_. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 243-254.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ERNST, W. *Digital memory and the archive*. Minneapolis: Jussi Parikka, 2013.

---

<sup>6</sup> Esse tema dos restos do arquivo literário está mais desenvolvido no ensaio *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. (MARQUES, 2015).

FOSTER, H. *Design e crime (e outras diatribes)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LEVY, T. S. *A experiência do fora*: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MARQUES, Reinaldo. Acervo de Escritores Mineiros: espaço de saberes nômades. In MEDEIROS, Elen de, RODRIGUES, Leandro Garcia (Org.). *Acervo de Escritores Mineiros: memórias e histórias*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2019, p. 247-265.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. 5. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2015.

MEDEIROS, E.; RODRIGUES, L. G. (orgs.). *Acervo de escritores mineiros: memórias e histórias*. Belo Horizonte: Fale, 2019. (No prelo).

PEDROSA, C. et al. (orgs.). *Indicionário do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SOUZA, E. M. de (org.). *Autran Dourado*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da UFMG, 1996.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Recebido em: 19 de agosto de 2021.

Aprovado em: 21 de dezembro de 2021.